

HOMENS TRANS: COMUNICAÇÃO E ATUAÇÃO FONOAUDIOLÓGICA

CINTHIA L. BELO¹; BÁRBARA R. NASCIMENTO¹; PÂMELA R. SANTOS¹; DENNYS S. MOURÃO²; MARGARETH ATIANEZZI³

1. Fonoaudióloga graduada pela Universidade Federal do Espírito Santo- ES

2. Doutorando em Saúde coletiva pela Universidade Federal do Espírito Santo- ES

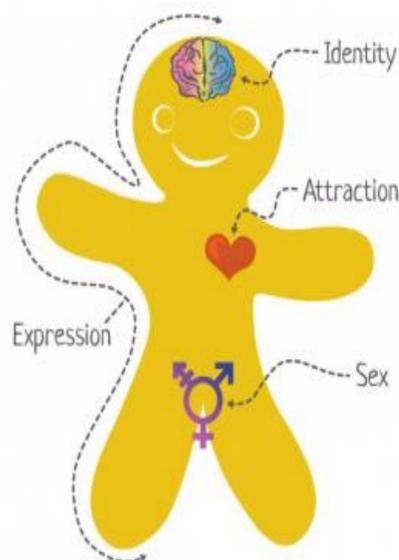
3. Prof. Dr. Adjunta do departamento de Fonoaudiologia da Universidade Federal do Espírito Santo- ES

INTRODUÇÃO

O transexual desenvolve uma distância em relação ao corpo, gerada pelo convencimento de não pertencer ao seu sexo de nascença. Tais convicções podem levar ao desejo de adequação e necessidade de modificar o corpo à imagem de gênero que têm de si através de vários caminhos, desde uso de roupas, tratamentos hormonais e até procedimentos cirúrgicos¹. Existem estudos que elucidam a relevância do atendimento holístico, visando não apenas questões puramente anatômicas como essenciais na readequação de gênero².

Contudo, o fonoaudiólogo não se encontra inserido nas portarias que regulamentam a situação do atendimento ambulatorial aos homens transexuais.

DESCRITORES: Transexualidade, Comunicação Humana, Saúde Coletiva



OBJETIVO

Descrever as demandas em comunicação da população transmasculina do estado do Espírito Santo e o acesso ao fonoaudiólogo.

METODOLOGIA

- ✓ Autorizado pelo Comitê de Ética nº 140991
- ✓ Pesquisa quantitativa descritiva
- ✓ Participaram do estudo 45 pessoas, com idades entre 18 e 43 anos
- ✓ Dois questionários disponibilizados online com as temáticas caracterização sociodemográfica e demandas em comunicação.

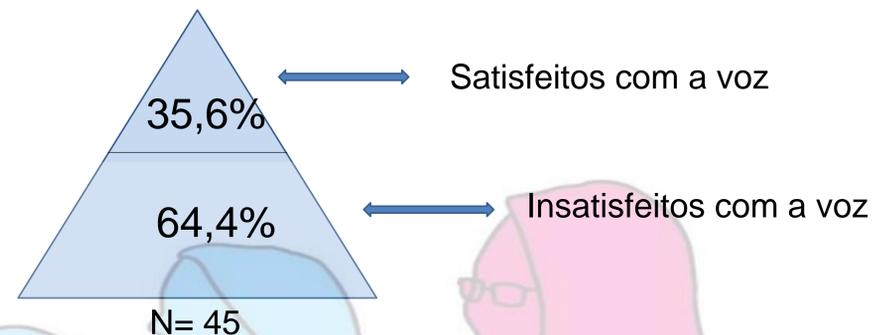
REFERÊNCIAS

1. Silveira EMC. De tudo fica um pouco: a construção social da identidade de transexual. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Faculdade de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

2. Barros AD. A Relação Entre Voz e Expressão de Gênero: A Percepção em Pessoas Transexuais. Dissertação (Dissertação em saúde coletiva). Brasília: Unb, 2017.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

- ✓ Grande parte do grupo faz hormonioterapia de forma regular (68,9%, n=31). Destes, a maioria (87,9%, n= 29) percebe mudanças relacionadas principalmente ao agravamento do tom de voz (75,9%, n=22) e veem estas como positivas em sua vida (90,9%, n=30).
- ✓ No entanto, quando analisamos todos os entrevistados, observamos uma importante insatisfação (64,4%, n=29), entre estes, muitos não se identificam com a própria voz (57,8%, n=23). A razão dessa não identificação correlaciona-se com a percepção das características associadas ao gênero feminino (84,6%, n=22) que segundo eles a voz apresenta.



- ✓ Percebem diferenças na comunicação entre os gêneros (91,1%, n= 41) mas não se utilizam dessa percepção para ajustes próprios (62,2%, n=28). Quanto a sua forma geral de se comunicar, demonstraram-se satisfeitos (77,8%, n=35).
- ✓ A maioria não faz terapia fonoaudiológica (86,7%, n=39), seja por falta de acesso ao profissional ou desconhecimento das áreas de atuação



CONCLUSÃO

No grupo estudado, observou-se satisfação com a comunicação em geral. Contudo, demonstraram insatisfação com a própria voz. Ressalta-se ainda que a grande maioria não faz acompanhamento com o fonoaudiólogo, revelando acesso precário a esse profissional.